

A adoração dos pastores, de el Greco



O enigma de El Greco

PELOS meados do século XVI nasceu em Cândia, na ilha de Creta, Domingos Theotocópuli, El Greco, de quem se afirmou ser «o meteoro mais extraordinário que ainda cruzou o mundo da arte universal». A 7 de abril de 1614, morria ele em Toledo, na Espanha, como bom cristão; «recebeu os Sacramentos, pagou as velas para o enterro, não fez testamento e foi inumado no mosteiro de S. Domingos, o Antigo,» é o que reza a crônica. Apontaram os críticos vários personagens de seus quadros como auto-retratos de El Greco. O mais comumente aceito representa o pintor em idade avançada, com o rosto emurchecido, envolto em ampla capa de pele, contemplando melancolicamente um mundo sobre o qual parece meditar com desolação.

São escassas as informações sobre a sua vida íntima. Teve um filho, Jorge Manuel, também artista, de cuja mãe nada se conhece. Terá tido outros filhos o pintor? Suas origens, sua família, sua educação, continuam encerradas em mistério. Acredita-se haver nascido entre 1543 e 1550. Por três séculos os críticos estudaram sua pintura sem saber, a respeito de sua pátria, senão que era grego, antes de descobrir que os quadros mais importantes levavam a assinatura em língua helênica: «Domingos Theotocópuli, cretense, pintou.» Posteriormente veio a descobrir-se, em uma declaração do pintor perante a Inquisição de Toledo em 1582, como intérprete de um seu compatriota acusado de ser mourisco, a confissão de que era «natural da cidade de Cândia».

Domingos Theotocópuli foi conhecido em Veneza, moço ainda, como discípulo de Ticiano, apesar de que, consoante opinião de um crítico, «o espírito ticianesco nele não se encarnou». Transportando-se para Roma, aí encontrou acolhida no palácio do cardeal Farnésio. Poucos rastros deixou à sua passagem pela Cidade Eterna. Colocado alí entre os mais famosos pintores das escolas veneziana e romana, orientou seu gênio para outra direção. Sua individualidade rebelava-se contra o meio. Tornou-se então evidente «seu menosprezo pelos cânones e modelos do Renascimento clássico», tendo surgido a lenda—desacreditada hoje pela ciência—do defeito visual que o induzia à desproporção e alongamento vertical das imagens de seus quadros.

Por volta de 1576, talvez em busca de ambiente para sua arte, El Greco transferiu-se para a Espanha. Seu primeiro quadro, pintado no Escorial, não foi do agrado de Felipe II. De Madrí e do Escorial, mudou-se para Toledo, de onde jamais sairia. «A apaixonada e fanática religiosidade de seu país adotivo o absorve,» afirmou um de seus críticos.

Data daí a produção de longa série de obras primas. Combina a interpretação subjetiva de seus personagens, suas paisagens, seu ambiente, com um realismo sem igual. «Teve o valor de pintar tal como via, ao passo que por toda parte a pintura abundava em tons *quentes*. Abandonou as tintas vermelhas e douradas, base do colorido veneziano, e adotou principalmente o azul e o carmim, inundando, às vezes, suas obras de matizes cinzentos. Dentro dessa nota geral predominante encontramos em suas telas tonalidades claras, cheias de luz e frias.»

A obra de El Greco chega ao apogeu com a maravilhosa tela *O Enterro do conde de Orgaz*. Pinta, sugestionado pelo mundo de intenso misticismo e arte penetrante em que vive. E assim atinge sua maneira final, caracterizada pela exacerbação de todas as qualidades que vinham formando seu estilo original. A mola chegou ao limite; a intensidade nervosa da expressão é irreprimível em seus personagens. Por causa do muito dinheiro que lhe rendia a arte, um crítico inamistoso se referiu aos «muitos ducados que gastava com a ostentação demasiada de sua casa».

Da última fase de El Greco é o admirável quadro *A adoração dos pastores*, reproduzido em nossa capa. Conserva-se no Museu Metropolitano de Nova York, e supõe-se ter sido pintado por volta de 1610.